

KISSANGE

TÍTULO: Kissange

AUTOR: Manuel dos Santos Lima

1.^a Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Colecção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1961

Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa

2.^a Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.^a edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins.

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2014

Depósito Legal: 378 386/14

Apoios Institucionais:



COLECCÃO AUTORES ULTRAMARINOS

MANUEL DOS SANTOS LIMA

KISSANGE

poemas

EDIÇÃO DO AUTOR
LISBOA

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

Dirigida por

CARLOS EDUARDO
COSTA ANDRADE

- N.º 1 — *Amor* (Poemas, 1960) de M. António
- N.º 2 — *A Cidade e a Infância* (Contos, 1960) de Luandino Vieira
- N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos
- N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)
- N.º 5 — *Poemas de Circunstância*, de António Cardoso
- N.º 6 — *Terra de Acácias Rubras*, de Costa Andrade
- N.º 7 — *Kissange*, de Manuel Lima

O AUTOR

MANUEL DOS SANTOS LIMA nasceu em 1935 em Silva Porto (Angola). É estudante residente em Lisboa.

Escritor jovem que com este livro se estreia, na sua poesia transparece por vezes a influência de Neruda e Langston Hughes, poetas que desde muito cedo o impressionaram.

Figura em «POETAS ANGOLANOS», colectânea de C. Eduardo para a Casa dos Estudantes do Império.

Tem para editar:

Pele do Diabo — teatro;

Nossa Terra — romance;

Canto ao meu Povo — poesia.



Para a Mira, Anita, Sarah, David, Rafael e Lwena

Em memória de Kalunga



q u i s s a n g e n a n o i t e

Quero uma noite de fantasia
uma noite de futuro
para toda a minha África.
Não quero nada mais que esta noite.

Estão os meninos adormecidos,
não há cazumbis nos caminhos,
estão as fomes interrompidas.

Ouve o quissange!

Noite madura e larga
como o horizonte,
mochos calados,
rios de eternidade,
aromas sublimados,
oração do silêncio.

Ouve o quissange!

Germinam as sementes
no pensamento das gentes,
não há maldições no vento,
não sussurram os mistérios,
não há rugas nos quimbos;
descem as bênçãos
até aos mortos de apelidos perdidos.

Ouve o quissange!

A Paz e o Amor
caminham de mãos dadas na noite.
No mundo tudo está certo,

o verme e a pedra,
a flor e a estrela,
tudo está em ordem.

Ouve o quissange!
Ouve... ouve...



e s c r a v o s

Os homens, acharam-se de peito
ao relento,

sem terra,
sem caminho,
sem destino,

homens sòzinhos
acorrentados no terreiro
com os caminhos incógnitos do universo
traçados nos rostos atónitos,
homens de peito
ao relento,
quissanges dispersos
nas insónias do mar.



j o r n a d a

Vinhas só,
o olhar poeirento
e um oásis de esperança
nas mãos desertas.

Vinhas só,
as carnes acesas em sangue,
os cabelos de sombra estendidos
pela terra imensa mordida de dor;
e na areia solta dos teus pés
eu vi as raízes de África.

Chegaste
com passos velhos de ecos
que soaram
bataque e conquista
nas noites tumultuosas da Impis.

Chegaste
e cresceste em mim
no grito dos tempos.
Descansa à sombra da minha Vontade,
mãe,
eu continuarei a Jornada.

á f r i c a

I

Esta é a terra
sem nome, sem homens,
grande e antiga
terra minha,
espaço sem dimensão,
horizonte imóvel
na extensão planetária.

Não há nada para cobiçar;
não tem dono
a sua grandeza imensa,

jaz apagado o diamante,
anónimo está o ouro,
arde o ferro
na massa subterrânea,
falta personalidade à prata.

Não há nada para cobiçar;
só silêncio,
só terra grande,
sem nome,
sem homens,
grande e antiga
terra Minha.

II

Como sexos de fogo,
carregados de desejos,
ardiam os vulcões intestinais da terra
em lava de cio universal,
onde o amor humano buscou calor
e o relâmpago a cólera.
Então,
como um licor fecundante,
desceu a chuva

sobre as entranhas chamejantes
e realizou a cópula total dos elementos.

III

Varada a treva pelo raio original,
foi Luz a Vida
em todo o seu esplendor;
conheceu o Ser a sina da sombra
e a soma vital de cada dia.

Chegou a claridade
até às fronteiras da Eternidade,
e aí fez luar nas gotas de prata
dos orvalhos das corolas.

Também na terra se infiltrou essa luz
como uma flecha ígnea,
foi incendiar a cegueira da esmeralda
e acender as lamparinas religiosas
dos altares da Solidão.

Entre a pedra e o orvalho
da primeira aurora,

despertaram com o sol
os rios secretos das rochas
e as magnas sombras;
as solidões se foram desvanecendo,
pouco a pouco
se queimou a substância,
palpitou a Vida
na semente do acaso,
articularam-se os músculos
nas espessuras,
estremeceu o vento
na amplidão.

Fera, metal e flor
escolheram os seus domínios
antes da madrugada
em que pressentiram os passos do homem,
recém-despertado
do sonambulismo da Criação.

IV

Sobre o horizonte
cresceram largas e independentes
as árvores,
como patriarcas do Povo,
magnas divindades.

No imenso parentesco vegetal,
aprenderam os meninos a amar
o grave baobá,
a fecunda bananeira,
o coqueiro como uma clave de fã
na pauta do universo.

E até no peito dos homens
pôs Deus a árvore da Vida
e deu-lhes mãos para colherem
os seus eternos frutos.

V

Reflectiu o arco-íris
as suas tonalidades múltiplas
sobre as pétalas virginais;
do fundo da terra
subiu até elas o perfume quente
das essências.

E logo foi rubra e ardente
a rosa tropical,

pálida a magnólia,
solene o cravo.

Nelas buscaram cor
as mariposas
e encheram as suas taças
os besouros;
nelas o Poeta e a abelha
encontraram a mais requintada doçura.

Branças, verdes ou amarelas,
amo-as a todas
na sua pluralidade colorida,
na sua fragilidade perfumada.

Azuis, vermelhas ou roxas,
amo-as a todas
e peço-as
para os meus mortos
passados e futuros,
mortos da terra e do mar,
da escravidão e da liberdade,
peço flores para as novas bandeiras de África
que eu vejo desabrocharem no horizonte.

VI

São meus estes rios
que buscam caminho
rastejando entre luar e silêncio,
sombra e madrugada,
até ao seu fim marítimo.

A minha alma está neles,
líquida e sonora
como a água entre o quissange das pedras,
o anoitecer nas fontes.

Tenho rios vermelhos e quentes
na minha dimensão física,
rios remotos, remotos como eu.

VII

Este é o Homem,
carne de terra,
espírito de vento,
destino de estrela,
Homem sem lágrimas e sem veneno,
puro como a aurora,
livre e feliz como um deus.

Tem nos olhos duas pombas adormecidas,
mora a ternura
no seu peito de ébano,
floresce-lhe a primavera nos lábios,
os seus pés estão mergulhados na terra.

Olha bem este Homem
de mãos frutuosas,
primário e autêntico,
olha-o até ao seu limo mais íntimo
e ama-o como eu
na sua geografia de força e de Paz.

Esperam-no
chanas e terreiros,
batuques e azagaias,
grilhetas e caminhos negreiros.
Eu hei-de contar a história.

a m é r i c a

I

Aqui está a América com a sua Estátua!
Que alta é a «Liberdade» dos brancos,
que espessas cadeias me põem no Sul!

E arrastei os meus grilhões de desespero
por todo o Mississippi, Kentucky, Alabama,
Georgia, Carolina, Louisiana,
onde cada gota de suor germinou
um Estado,
um verdugo.

Não presentes na bandeira
os meus esforços constelados?
Estão nas estrelas americanas
forjadas pelo tio Sam
nos meus grilhões de desespero
por todo o Mississipi, Kentucky, Alabama,
Georgia, Carolina, Louisiana,
ai
que terra tamanha
com pulmões de aço,
narinas como chaminés,
cérebro de gelo,
olhos eléctricos.
Os braços são máquinas,
o ventre é um cofre.
Não sei por quanto me venderão amanhã,
não sei onde me lincharão depois de amanhã.

Aqui aparece a cruz
Ku-Klux-Klan,
labareda de racismo
talhada em angústia negra
nas soluços da noite
Ku-Klux-Klan,

veneno carregado de fúria americana
Ku-Klux-Klan,
arrepio de sonhos meninos no Sul
Ku-Klux-Klan,
punhal sangrento sobre o meu Povo
gemente in United States of América
Ku-Klux-Klan.

II

Olha o curtido Sul como uma larga pele de bisonte,
impreciso,
chamejante de solidez!

Não ouves o trompete no vento?

Olha o clarão meridional,
a pedra antiga,
o metal da solidão!

...e o trompete no vento...

Armstrong!

Nada cruza o céu,
nem pássaro,
nem borboleta,
nem vampiro.

Só Armstrong!

...e trompete no vento...

III

Gargalhada louca,
repetida, desfigurada até ao grito,
arrastado sonido de correntes,
de luzes e nostalgias,
eis o Mississipi.

E mais além está
St. Louis «Blues»,
debruçada sobre águas tristes
como um sol ao entardecer.

St..... Louis..... «Blues»

IV

Mas quando chegares a New Orleans
olha para os meus dentes teclas
de jazz,
minhas pernas múltiplas
de jazz,
minha cólera ébria
de jazz,
olha os mercadores da minha pele,
olha os matadores ianques
pedindo-me
jazz,
one
 two
 three
jazz,
sobre o meu sangue
jazz,
milhões de palmas para mim
jazz.





